

A quem devem exigir-se responsabilidades pela morte do comissário da polícia de Lourenço Marques?

A obra miserável do Alto Comissário de Moçambique teve no passado domingo a sua máxima coroação: em Lourenço Marques, um desconhecido, quando o comissário da polícia civil, capitão Henrique de Sousa, saía do Hotel Cardoso, onde fôr jantar, atingiu-o com dois tiros de espingarda caçadeira, carregada de zagalotes, que lhe produziram morte instantânea.

A quem se deve pedir responsabilidades deste atentado? Evidentemente que a Azevedo Coutinho.

Das bárbaras medidas de repressão do «Nero de Moçambique» outro desenlace não havia a esperar. Logo, o braço assassino foi armado por esse microcéfalo que para vergonha de uma república de opereta ascendeu ao alto cargo de Comissário. O assassinio do capitão Henrique de Sousa é apenas o produto do estado de exaltação em que se encontra toda a província de Moçambique, desde que Azevedo Coutinho resolveu governar pelo terror, desde que Azevedo Coutinho entendeu que a Carta Orgânica da Província é um farrapo sem merecimento e ao qual não se deve ligar a menor importância.

Este acto de louco desespero, a-pesar-de previsto numa série ininterrupta de artigos publicados em *A Batalha*, a despeito da copiosa informação que todos os dias davamos à estampa de procedência insuspeita nunca foi encarado pelo ministro das Colónias, nunca foi visto com olhos de ver pelos homens que se ufanan de ser representantes do povo e que têm assento no Parlamento.

Por mais que revelássemos os inconvenientes, quicá, perigos da nefasta política de Azevedo Coutinho nunca fomos respeitados como jornal da opinião pública, como único porta-voz da dôr dos humildes.

A essa falta de atenção pelos nossos protestos se deve o prejuízo de mais de 300.000 libras que sofreu Moçambique; a essa falta de atenção se deve a desorganização económica em que se encontra aquela província; a essa falta de atenção se

Um silêncio significativo paira sobre as investigações do caso Angola e Metrópole

Sobre as investigações do caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal paira um silêncio profundo. O conselheiro Alves Ferreira está obreando em silêncio, ou então faleceu. Se morreu toda a nação deve vestir-se de luto, por que desde Afonso Henriques até Afonso Costa, não existe na História de Portugal figura mais prestigiosa, pessoa que melhor nos honre do que o dr. Alves Ferreira.

Vasco da Gama descobriu a Índia, mas Alves Ferreira, mais valoroso, descobriu o mistério das notas tipo «Vasco da Gama». No mar tormentoso da grande falsificação o conselheiro Alves Ferreira navegou sempre com vento fresco sem perder o Norte. O país que já conhecia os seus feitos anteriores, desde o regicídio até ao Banco de Seguros, nunca duvidou do êxito da empresa a que ele meteu ombros. Lá das regiões misteriosas do Banco de Portugal ele foi sempre enviando notícias.

«Haja esperança» - dizia o herói. - «Estou bem e confio na boa estréla. Já tenho terra à vista e não tardo em aportar.»

E o público, ansioso, comentava:

— O Alves Ferreira chega lá, lá isso chega...

Foram decorrendo os dias, as semanas e a linguagem do descobridor não se modifica.

«Não tardo em pôr pé em terra. Mais um instante e lá estou.»

Mas a notícia da chegada nunca aparecia. O povo duvidou do êxito da empresa e as más línguas - porque os grandes homens têm sempre inveja que os caluniam - compriam-se em afirmar que o conselheiro não vira terra, nem mesmo num evêncio ilusório que com isso se parecesse. Era tudo mentira. Nada enxergava o homenzinho. Aquelas notícias não correspondiam à realidade, exprimiam apenas uma vaidade ilimitada. O descobridor nem viagem chegara a intentar, o que ele queria era fazer acreditar que aportaria onde nunca aportaria.

Como se apercebesse de que ninguém o acreditava, o conselheiro, apanhado em flagrante, entupiu e resolveu calar-se.

Há, entretanto, pessoas bem intencionadas que ainda hoje acreditam nas boas artes desse descobridor que só de *malas artes* se serve para triunfar na vida. Essas pessoas aguardam a cada momento as boas notícias - que já não chegarão.

Um natural desabafo

«Porque se fez subitamente um grande silêncio sobre o caso Angola e Metrópole? Então o sr. Alves Ferreira não estava prestes a tocar a verdade máxima, a verdade suprema? Então o conselheiro não havia declarado perentoriamente que o Banco de Portugal não estava metido na burla? Não tinha jurado pela inocência do Inocêncio e dos outros inocentes do Banco de Portugal? Não descobriu logo nos primeiros dias que as assinaturas são falsas? Não conseguiu o milagre de apresentar a José Bandeira um contrato que, a-final, nunca saiu da Holanda? Não verificou que as escalas estavam erradas - pormenos em que o Banco de Portugal nunca reparara? Não provou que Régio Chaves é uma criatura honesta e não tivera negociações com Alves Reis?»

E que resultou de todas estas descobertas? O silêncio.

Mas o silêncio de agora, tão significativo, não oculta apenas o desejo que existe por parte do governo de salvar os amigos comprometidos. Oculta, principalmente, o círculo das investigações.

Incumbido de mentir, Alves Ferreira nem mentir soube. Menti de maneira a deixar transparecer mais fortemente a verdade. Apenas lhe devemos agradecer a sua inépacia. Sem elas não saberíamos nem metade do que sabemos. Foram a estupidez, a falta de habilidade, a incoerência de Alves Ferreira que nos elucidaram.

Estamos gratos a Alves Ferreira. Ele é que não deve estar contente com ele próprio. E descontentes devem estar também a esta hora o António Maria, o Inocêncio Capacho, o Mota Gomes, o Régio Chaves e outros que quiserem passar por criaturas suspeitas.

Quantas vezes não terão elos dito num desabafo:

— E' muito bruto aquele Alves Ferreira...

E é, coitado...

Notas & Comentários

Uma gentileza

Gostosamente fazemos hoje referência a uma gentileza que nos tem sido feita, râvias vezes, durante esta primavera florida e ridente. O nosso camarada Carlos Frutuoso Gaião, de Sintra, sabendo que todos nós, aqui na redacção, gostamos muito de flores, tem-nos feito de quando em vez a agradável surpresa de nos trazer aquela encantadora vila grande bracadas de flores. Ainda ontem nos presenteou com um cesto de camélias e lirios amarelos que ornamentaram a nossa pobre casa dando-lhe um aspecto alegre e mais confortável.

Quem matou?

Quem matou Maria Alves? E' a pergunta que presentemente aflora a todos os lidos. A começo quando se formulava esta pergunta - quem matou Maria Alves? - a resposta era uma e invariável: «Foi o empresário Augusto Gomes». Agora, pelo caminho que as investigações policiais tomaram, já nem toda a gente responde da mesma maneira. Um grande ponto de interrogação comece a desenhar-se nos espíritos das pessoas que mais apaixonadamente prestam a sua atenção a este assunto de que a tantos outros de maior importância. Escrivemos-nos a propósito «um antigo e devotado leitor comentando o caso. Primeiro, admira-se da medalhina de Nossa Senhora que a malograda atriz trouxe consigo na ter livrado o afritado transe, depois avitava que se interroguem os Rabestanas, adinivinhos e espíritas que têm claro e nitido onde os vulgares mortais vêm treva e confusão.»

São desse manifesto os seguintes trechos:

«Os apóstolos negregados de Loiola e Torquemada - asquerosos répits de sotainas - não descansem na sua negra faina de vos embrutecer o espírito, calequiseiros-vos a alma para assim poderem dominar e restabelecer em Portugal a famigerada Companhia de Jesus.

Se consultasseis a história, reportando-vos à acção da Jesuita, teríeis conhecimento dos factos mais monstruosos que se possam imaginar; foram fogueiras onde se queimaram milhares de seres humanos, foram violações, esquartejamentos e orfandados espalhados por entre o povo.

Só em França, a história registra a matança de S. Bartolomeu onde os sotainas de coroa na cabeça ceifaram milhares de vidas, só pelo único crime de terem outra religião, isto sem falar nas inocentes crianças que eram arrancadas dos seios das mães e arremessadas às fogueiras.

Foi origem de inúmeros males a Companhia de Jesus. Merce da ânsia de liberdade que animava os povos para a sua emancipação, ela perdeu terreno, mas não desapareceu de vez, trabalha de sopa para vencer; aqui, entre vós, exibe em breve uma palhaçaria processual, se permitires, mais tarde, daqui a algum tempo, assistires, talvez oprimidos, a um auto de fé. E assim a moral religiosa, ahoje para conquistar simpatia exibe uma farça, amanhã para impor a crença que apresenta uma tragédia.

A hipocrisia, a insídia e a velhacaria foram sempre as armas que os jesuítas empregaram para dominar o princípio e quando se apanharam em terreno seguro, então tudo quanto há de mais vil e odioso é posto em prática...

Liberais! Povo trabalhador! Não consintais essa afronta à vossa consciência. Aos vendilhões dum templo onde se vêem a morte, onde impera o crime, onde reina a hipocrisia, correi os de látigo em punho.

Aos que querem subverter a vossa consciência e a dos vossos filhos e de vossas companheiras envenenando-as com uma fórmula de mentiras; aos que querem fazer de vós umas máquinas que possam dirigir a seu bel prazer, enfim, a todos os sotainas e sanguinários, canhão vil de crimes, répits asquerosos de odio, monstros de hediondeza profunda, escorregai-los do vosso seio, do vosso convívio, bradando-lhes, juntamente com osos: Abaixo a reacção! Abaixo os sotainas negras! Abaixo a clericanaria!!!

Contra a seita negra

Um general comunista chinês vai para a Rússia

MOSCOWIA, 5. - O general comunista chinês Feng-Yu-Hsiang, vira a caminho desta cidade, para onde vem trabalhar num escritório e estudar as condições políticas e económicas da Rússia.

O general declarou a um jornalista que o entrevistou no caminho que abandonou definitivamente o comando do exército nacional chinês. - (L.)

O regresso dos aviadores espanhóis

MADRID, 5. - Partiram esta manhã os três aviões que se propõem fazer o raid de Madrid às Filipinas. Os aviadores do «Plus Ultra» chegaram já a Huelva a bordo do cruzador argentino «Buenos Aires», sendo recebidos pelo rei Afonso XIII, vários ministros, coro diplomáticos sul-americano e por numerosa multidão, que os ovacionou ininterruptamente. Entre os aviões que voavam por cima do cruzador «Buenos Aires» figuravam os aviões portugueses. - (H.)

Os partidos gregos contra a ditadura

ATENAS, 5. - Tendo o governo rejeitado os principais pedidos dos partidos políticos, pelo que respeita às eleições, os partidos resolveram não tomar parte nas eleições e unirem-se ato ao restabelecimento do regime legal. - (H.)

A reacção na Roménia

BUCAREST, 4. - Ao tomar posse, o novo ministro do interior recebeu os representantes da imprensa, aos quais fez sentir que não seria permitida a menor indiscreção em matéria de política interna. Um jornal que criticou vivamente a participação do general Averescu no ministério reacionário foi apreendido.

Desleixo nacional

Segundo um jornal da noite, o material

de movimento das linhas do Minho e Douro

encontra-se num estado lastimável. As carreiras de passageiros estão numa verdadeira desgraça.

O seu aspecto é de pôr os

cabelos de pd. Este desleixo que o aludido

jornal aponta é velho entre nós, principalmente nos organismos do Estado. Nunca

será demais combatê-lo, já não diremos

com esperança de que esta gente se entende,

mas por brio, por amor próprio, para que

não se diga que foi tudo por água abaixo

sem que uma voz gritasse por socorro.

Um conflito protelado

OSLO, 5. - Um conflito latente, por questões de trabalho que interessam cerca de 30.000 metalúrgicos e maquinistas, foi provisoriamente afastado por ter sido nomeado pelo governo uma comissão especial de três membros que logo conseguiu reatar as negociações. - (H.)

Acordo que termina

DOUARNENEZ, 5. - Expirou o prazo

de validade do acordo estabelecido entre

operários e patrões. Em cada fábrica, uns

e outros nomearam delegados seus para

discutir a base de novo acordo, tendo o

sindicato unitário nomeado igualmente os

seus delegados. - (H.)

Um imperialismo francês

BERLIM, 4. - Segundo o *Berliner Tageblatt*, os efectivos das tropas de ocupação

na Renânia elevam-se a 82.000 homens, dos

quais 65.000 são franceses.

A população está ameaçada de ser ludibriada pelos burlões das «Séries Recuperáveis»

O número dos burlões, que diariamente se multiplica, eleva-se a muitos milhares

As Moagens, as Companhias das Aguas, e todas as empresas de exploração pública também gozam de toda a espécie de impunidades. Os Camachos são eternamente «inocentes», os Nuno Simões mesmo da sua prisão de recurso entregam-se a negócios tão escuros como uma noite de trevas, os culpados de todos os grandes escândalos passeiam livremente, nas ruas, com o dinheiro dos roubados nos seus bolsos. Isto significa que o saque é uma instituição nacional, segundo qual à população do país só assiste um dever: deixar-se roubar, desde que os ladrões sejam protegidos pelo Paço e respeitados pelo governo civil.

De modo que o número dos ladrões vai crescendo e os processos de roubar o semelhante vão-se alargando. Surgiu, ultimamente, uma nuvem de saqueadores de nova espécie, que nas barbas das autoridades estão praticando burlas que atingem já uma cifra importante. As vítimas dessas contam-se já por milhares e que, sem exagero, diariamente se multiplicam.

Esse sistema de burlar é conhecido publicamente pela designação de «séries recuperáveis». A maneira de ludibriar o próximo não se apresenta revestida de grandes dificuldades. Nem sequer a do capital existe. Essa que poderia ser a principal é a de mais fácil solução. O capital - é das vítimas.

Um trangalhão qualquer, sujo de mãos e sem escrúpulos, capaz de todas as infâmias e gazuras para se apropriar do que é de outrem, anuncia nos jornais de grande circulação, principalmente no *Diário de Notícias*, que com 5\$00 pode alcançar a quantia de 10.000\$00, sem trabalho. Por 5\$00 obtém se 10.000\$00? E sem trabalho? Imediatamente, milhares de olhos se debatem com o tentador anfíbio e uma espécie de misericórdia apodera-se de muita gente.

Os burlões dizem nesses anúncios que não há sequer a passagem de senhas. Eles próprios disso se encarregam, o que lhes é fácil, visto que as vítimas fazem longas «bichas» às portas dos seus improvisados estabelecimentos. O comprador da senha só tem o trabalho de esperar pelo dinheiro, pelos almejados 10.000\$00. E' claro que espera - e espera indefinidamente. Até que um dia vendo que os 10.000\$00 não lhe entram no bolso enfia, ao fim de longas horas de espera, pelo escritório do burlão e pergunta pela pecunia prometida. O burlão responde-lhe levemente e enfaticamente que a série a que pertence a sua senha ainda não

chamadas e páginas e páginas do *Boletim Oficial*, todas começando pelo caserneiro «Que...», linguagem muito peculiar dos militares profissionais, cujas faculdades de expressão não vão além dos limites enquadrados na sua

saqueadores, a quem era devida a ruína do continente e das colônias, vendidas a pouco e pouco por temerem que um levantamento nacional lhes pedisse a cabeça no tribunal da rua se duma só vez metessem o custo delas no bôlo.

A colônia estava submetida aos caprichos e vontade absoluta dum militarismo despótico que não reconhecia lei a que devesse obediência, nem admitia observância por outra que não fosse a dita da sua vontade.

Mas havia política nas alusões agressivas?

Talvez, com isso contámos, diminuindo 20%, ao que lemos, visto que não temos a honra de conhecer o autor, quer como cidadão ou funcionário, quer como militante em qualquer partido político ou como jornalista.

Animados pela vontade de nos guiamos tanto quanto possível pela verdade, procurámos nos periódicos anteriores e posteriores a causa do ataque; não encontrámos, porém, esclarecimento que nos habesse a fazer um juízo completo da fonte original, nem mesmo uma leve referência feita no mesmo órgão ou em qualquer outro jornal, aprovando ou reprovando o asseverado em desabono do Governador-Geral de Angola.

Qualquer que tenha sido a origem do que vem motivando estas referências, pouco importa; o que importa é saber se Norton de Matos é, de facto, assim.

E, sem dúvida. Quando alto comissário lidamos com ele bem de perto e tivemos ocasião de ver que ele faz da sua vontade absoluta a única lei, impondo-a com todo o rigor e despotismo.

Correia de SÓUSA

A polícia e o peixe podre

Isto de comes mau e caro não é coisa nova; como novo não é também pagar o justo pelo pecador. Assim pensámos oente quando alguém nos veio contar o caso seguinte:

Anteontem no mercado da Graça, por volta do meio dia, uma pobre mulher, fornecendo talvez orçamento caseiro, comprou um peixe espada por 2500, confiada nas solenes juras da peixeira de que o seu artigo era dos melhores. Chegada a casa compradora, ao amanhã o peixe, verificou que o mesmo estava podre e logo voltou a quem lho vendera para que lho trocasse.

De mãos nas ancas, sorriso irônico, a vendeu-lhe um «é o trocas!» e mandou-a queixar-se ao fiscal do mercado. Vai a queixa e o inclito funcionário desviou-a logo para o polícia de serviço que, encontrado a muito custo, ouviu a queixa e encolheu os ombros. Tomando o conselho de alguém, a pobre mulher foi à proxima esquadra em busca do cabo, mas ali sofreu nova deceção: não dividiu o polícia dividido... Nun joga de empurra o guarda da esquadra mandou-a para o sub-delegado de saúde, mas ela já exaurida de paciência resolveu-se a regressar a casa sem peixe e sem dinheiro. Surgiu-lhe, porém, no caminho o polícia de serviço ao mercado que, comendo por lhe dirigir grossarias, como ela tiptasse, concluiu por lhe oferecer bofeadas e ameaçar do prisão. Houve o inevitável ajuntamento e um homem que, embora em termos brandos, discordou da maneira de tratar o caso, sofreu o desejo de ser preso.

E como não raras vezes acontece a polícia pugnar pelos gatunos, é bom que se saiba que o argus em questão pugnava pela própria família visto que sua mulher também é peixeira.

E' o que se pode chamar juntar o útil a agradável...

CONFERÊNCIAS

“Sindicalismo”

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, a 9.º e penúltima conferência da série das doutrinas políticas-sociais contemporâneas.

O conferente de hoje é o operário cinzeiro sr. Manuel Gonçalves Vidal, que subordina a sua exposição ao tema «Sindicalismo».

“Os bólhos e a higiene”

O sr. dr. Júlio Eduardo dos Santos efectua amanhã, na secção da Universidade Popular Portuguesa, que funciona no Sindicato Metalúrgico, a sua anunciada conferência sobre o tema «Os bólhos e a higiene».

A festa de “O Anarquista”

E no próximo sábado, 10, que se realiza a festa deste nosso colega, edição da União Anarquista Portuguesa.

Tem decorrido com grande normalidade a passagem de bilhetes, pelo que esperamos que esta festa decorrerá com todo o brilhantismo, que é o que muito desejamos.

Restam ainda alguns bilhetes que podem ser requisitados na Travessa Águas de Flôr, 10, 1.º, Lisboa.

Queixas e reclamações

Uma grande injustiça

Na nossa redacção esteve ontem à noite uma pobre velhota, cega, chamada Adelaide Augusto, que veio apresentar-nos a seguinte queixa:

Há 14 anos que foi habitar uma dependência do 2.º andar, esquerdo, do prédio n.º 62 da rua do Norte, quando era arrendatária uma senhora que se finou há sete anos. Com o falecimento desta a casa passaria para o nome de Adelaide Augusto, como mais antiga, mas em virtude de ser cega descederam que a casa passasse para o nome dum outro hóspede de nome Júlio Moreira, vulgarmente conhecido por Júlio Martelo. Assim se fez em novembro de 1924. Porém, segundo nos refere a queixa, de então para cá o Júlio Martelo, que estabeleceu uma renda de 5000 para a Adelaide, tem perseguido acintosamente a pobre velhota a fim-de abandonar a dependência que habitava, que ao Martelo renderia 12000. Como a Adelaide Augusto nunca lhe fizesse a vontade, o Júlio Martelo há oito dias levou ao máximo a sua perseguição: expulsou da residência a ceguinha, que para não viver ao relento tem dormido pelas e-cadas, sujeita a ir parar ao governo como vadia.

Não há dúvida que, a ser verdade o que se diz a Adelaide Augusto, este Júlio Martelo é muito generoso...

PORTEIRA

Mulher, que se encontra em situação precária, oferece-se. Avenida Presidente Wilson, 79, 2.º

CONTRA AS DEPORTAÇÕES

Realizou-se no Pôrto um grande comício, no qual se exigiu o regresso dos deportados

PORTO, 5. — Conforme vinha sendo anunciado, efectuou-se ontem, nas Fontainhas, o comício pró-deportados promovido pelo bloco das esquerdas republicanas e sociais — comício que foi assistido por al- guns milhares de pessoas.

Serafim Cardoso Luceira, que preside a tão magna reunião do povo portuense, principia por fazer um vibrante ataque à tirania governamental, explicando a seguir quais os fins do bloco referido: accionar de forma a conseguir a libertação dos presos deportados reconhecendo-lhes inocentes e vítimas dum revoltante vingança.

Indigna-se que, após 15 anos de república, para a qual o proletariado fez verter o seu sangue generoso, se tenha de levantar bem alto o grito de revolta contra as prepotências dos falsos republicanos. No seu orador o orador alude ao facto de, há 18 anos, o povo portuense correr ao Monte Avereiro a protestar contra a repugnante lei de 13 de Fevereiro da autoria famigerada do célebre João Franco.

João Franco, um reaccionário monárquico, teve a jesuítica habilidade de se servir dumha lei, embora odiosa, para deportar as suas vítimas. Mas os governos republicanos têm selvaticamente deportado indivíduos contra todos os preceitos da legalidade jurídica, estangalhando bestialmente a própria Constituição republicana — o que torna mais indigna, mais revoltante, semelhante atrocidade governamental.

Depois de salientar a supremo necessidade de todos os liberais sinceros comungarem na mesma actuação contra as ignominiias do poder, concede a palavra ao velho militante socialista Luís Soares. Exteriorizando a sua sentida repulsa contra as violências do alto, diz ser preciso todos unirem-se como um só homem para a defesa das liberdades, as quais, nunca, como agora, têm sido tão espessinhas. Que se julguem os criminosos, está bem; mas que se salvem os inocentes. O que não é justo, não é humano, é tirar-se para as longínquas plagas africanas criaturas sem uma única nota de culpa juridicamente formulada.

Incidindo a sua crítica sobre as ditaduras reaccionárias da que tanto se fala, afirma que os Riveras e os Mussolini não são, históricamente, outra coisa do que irmãos colaterais dos Napoléons e outros ditadores que os acontecimentos reduziram a pô.

Criticando severamente a sociedade capitalista, que não garante ao proletariado, a todos os cidadãos, o alimento do corpo e do espírito, o agasalho, o abrigo, o conforto — afirma que é ela a única gestora dos criminosos e, portanto, também a exclusivamente responsável do seu desenvolvimento. Então ela, a sociedade burguesa, não nos deu nenhuma garantia de vida, e não quer que nos revoltemos?

Termina como principiou: por defender a união de todos os liberais, a fim de virem pelas liberdades sériamente ameaçadas. Em nome do partido socialista, junta um protesto de todos os assistentes o seu protesto contra as deportações.

Marcelino Pedro, pela Câmara Sindical do Trabalho, diz que este organismo não é indiferente às lutas contra a reacção e pelo regresso dos deportados. Se não se enfrontou com o Bloco para a realização deste comício, é porque a sua estrutura a isso a impedi. Refere-se, a seguir, às diferentes tiranias governamentais e republicanas, aos sinistros propósitos dos trampolíneiros Cunhas Leais e Filomenos e às rapinantes plutocracias bancárticas. «E' preciso, afirma este camarada, que todos digam: não, ensinam aos seus filhos, que em pleno século XX e em plena república se assassinam, nas ruas, homens indefesos, só porque têm ideias no cérebro e sentimento no coração — evocando-se os trágicos fusilamentos dos Olivas, de Setúbal, de Vila Nova de Gaia, etc.»

Voltando a insurgir-se contra os manejos mussolinianos de Cunha Leal e contra as brutalidades deportatórias e perseguidoras dos Vitorinos e dos Antónios Mafias — conclui por dizer que todos devem em massa a um Governo Civil reclamar a libertação dos presos e o regresso dos deportados, injusta e estupidamente torturados.

Cerdeira País fala em nome do jornal *O Libertado*, fazendo uma história sucinta dos últimos acontecimentos políticos, das magnâncias intencionais dos vencidos de Almada e das ignóbeis prepotências do governo — flagelando, indignadamente, o crime brutal das deportações.

José Domingues dos Santos, com grande veemência oratória, refere-se às sagradas promessas feitas no tempo da propaganda republicana, com as quais foi possível na praça pública proclamar-se o actual regime. Depois de 15 anos de república, constata-se como essas promessas foram triste e revoltantemente esquecidas. Há mais de um ano que vêm erguendo a sua voz contra as deportações, feitas sem qualquer espécie de julgamento, contra a lei, contra a constituição. Dizem que os deportados são criminosos. Sê-lhe-hão. Mas criminosos são também aqueles que, fora de todas as praxes jurídicas, legais, os condenaram a um tão selvático sofrimento. Afirman que são criminosos porque mataram. Mas os autores das deportações iniquas também mataram, com o degrado, alguns inocentes — são, portanto, igualmente criminosos, contra os quais todos devemos levantar.

Aludindo à situação política-ditatorial de Itália e Espanha, e ainda à negregada memória da Bastilha, afirma que é para isso que nos querem fazer caminhar, preparando ondas de sangue.

Com os homens da sua terra vêm protestar contra todas as violências, contra a negra reacção — contra todas as ditaduras, para cujo combate encarniçado todos devemos unir, senão querermos ser um povo de escravos...

Américo Cardoso afirma pertencer à ala avançada da política republicana, defendendo sempre as aspirações do proletariado. Historiando as perseguições políticas que se vêm efectuando dentro da República, ataca veementemente todas as violências que se têm impudicamente levado à prática. A tirania, diz, é tão fácil de se executar, quanto fôr a apatia do povo. Portanto, incita-o a que se una e seja energico na defesa das suas próprias liberdades — as liberdades de nós todos...

Anastácio Ramos assevera que o povo é grande soberano — soberano para a miséria, para a fome, para o sofrimento e até para as deportações. A melhor afirmação que se pode fazer, é estamos todos dispostos a lutar contra as prepotências — apetrechando-nos, armando-nos e irmos ao encontro das Cunhas Leais, Raúl Esteves, etc. Devemos dizer aos nossos irmãos dos

quartéis que nos franquiem as portas e

os códigos e em todas as leis que devem nos dêem as armas.

Atacando a reacção, defende uma ditadura — a ditadura do proletariado contra o capitalismo. A República não existe: ela só existiu no governo provisório. Desde que principiou a assassinar o povo, o proletariado, ela afundou-se no sangue das suas vítimas. Referindo-se às carbonárias bombas do António Maria da Silva, só reconhece a utilidade dos petardos, quando eles são conscientemente empregados na defesa da Liberdade e contra os canhões que a atacam. O povo como soberano — e o povo soberano não é aquela gente da rua de São João — tem o direito de censurar todos aqueles que o oprimem, exploram, martirizam — empregando a sua soberania nas pedras das calçadas arremessadas contra a tirania, o reaccionarismo tórrido dos Antónios Mafias, das Cunhas Leais, Cunhas Leais, etc. — contra cujos políticos faz um ataque cerrado, bisbilhotando-lhes a podridão da sua alma jesuítica.

Esta moção é aprovada com uma vibrante salva de palmas.

Jerónimo de Sousa, recebido com vivas à C. G. T. e à *A Batalha*, declara em primeiro lugar que está ali pessoalmente, como amante que é da liberdade, não representando, portanto, a C. G. T. Os culpados

das deportações, assevera a seguir, estão neste comício: no povo que, devido à sua ignorância, ainda consente governos; nos políticos que consentiram as deportações;

e em alguns dos que fizeram uso da palavra — incluindo um antigo ministro que quando dos fusilamentos dos Olivas, não afirmou o seu protesto, abandonando a pasta, que era a da justiça.

As deportações continuam-se, hão de fazer, enquanto o povo se não emancipar de todas as tutelas políticas e religiosas. E para isto, conclui, é necessário que ele se organize, sem o que já nem conquistaria de facto a sua emancipação...

Ainda fala António de Carvalho, fazendo a apologia do Socorro Vermelho, a favor do qual foi aprovado um documento que apresentou.

Serafim C. Lucena encerra o comício com um vibrante discurso, indo fôda aquela vasta mole de gente ao chefe do distrito de Vila do Conde.

Todos os oradores foram aplaudidos e os finais dos seus discursos coroados com aplausos confessos com cidadãos inocentes, cujo crime destes era pensarem diferentemente dos governantes.

Considerando que, por o propósito de cobrir fins ocultos, se confundiram castaçados confessos com cidadãos inocentes, cujo crime destes era pensarem diferentemente dos governantes;

Considerando que, por esse motivo, foram postergados os direitos expressos em todos

os códigos e em todas as leis que devem ser respeitados, o povo do Pôrto, reunido em comício público a convite do Bloco Defesa Social e alheio a toda a facção partidária, mas unicamente com os olhos postos na Justiça e Razão, vem reclamar do governo o imediato regresso à metrópole de todos os deportados, a fim de fazer julgar pela forma establecida na lei.

Esta moção é aprovada com uma vibrante salva de palmas.

Jerónimo de Sousa, recebido com vivas à C. G. T. e à *A Batalha*, declara em primeiro lugar que está ali pessoalmente, como amante que é da liberdade, não representando, portanto, a C. G. T. Os culpados

das deportações, assevera a seguir, estão neste comício: no povo que, devido à sua ignorância, ainda consente governos; nos políticos que consentiram as deportações;

e em alguns dos que fizeram uso da palavra — incluindo um antigo ministro que quando dos fusilamentos dos Olivas, não afirmou o seu protesto, abandonando a pasta, que era a da justiça.

As deportações continuam-se, hão de fazer, enquanto o povo se não emancipar de todas as tutelas políticas e religiosas. E para isto, conclui, é necessário que ele se organize, sem o que já nem conquistaria de facto a sua emancipação...

Ainda fala António de Carvalho, fazendo a apologia do Socorro Vermelho, a favor do qual foi aprovado um documento que apresentou.

Serafim C. Lucena encerra o comício com um vibrante discurso, indo fôda aquela vasta mole de gente ao chefe do distrito de Vila do Conde.

Todos os oradores foram aplaudidos e os finais dos seus discursos coroados com aplausos confessos com cidadãos inocentes, cujo crime destes era pensarem diferentemente dos governantes;

Considerando que, por o propósito de cobrir fins ocultos, se confundiram castaçados confessos com cidadãos inocentes, cujo crime destes era pensarem diferentemente dos governantes;

Considerando que, por esse motivo, foram postergados os direitos expressos em todos

‘A Batalha’ na província e arredores

Sintra

O gesto abominável dum proprietário

SINTRAS, 5. — Produziu-se, nessa vila, um caso que causou em todos as pessoas, que dele tiveram conhecimento, uma profunda consternação.

Vicente Vieira, rural, era, há cerca de 25 anos, empregado de José Antunes dos Santos, trabalhando numa quinta que este possui em Sintra. Ultimamente José Antunes despediu o seu empregado, alegando que devido à sua avançada idade — 59 anos — não merecia o salário que lhe pagava.

O casero que fôr encarregado de transmitir a ordem de despedimento ainda observou que era uma crueldade atirar para a miséria um homem que trabalhava dedicadamente durante 25 anos. Mas o proprietário, replicou com rudeza ao casero: «se não o despedes, segues o caminho dele. Em face desta intimitativa o casero curvou-se e a ordem foi cumprida.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,14
T.	6	13	20	27	Desaparece às 19,4
Q.	7	14	21	28	
S.	8	15	22	29	FAES DALIA
S.	9	16	23	30	1. C. dia 18,07 Q.M. 5 20,00 L.M. 7 12,56 Q.C. 19 23,23
S.	10	17	24		

MARES DE HOJE
Praiamar às 8,35 e às 9,19
Baixamar às 1,26 e às 2,05

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	94575
Madrid cheque	2576	
Paris, cheque	68	
Suíça	370,5	
Bruxelas cheque	73	
New-York	10955	
Amsterdão	7984	
Itália, cheque	79	
Brasil	2985	
Praga	585,5	
Suécia, cheque	525	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4566	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Teatral - As 21 - Amor vences.

Trindade - As 21,15 - As exiladas.

Espanha - As 21,15 - O Az.

São Luís - As 9 - A Bayadera.

Pelliziano - As 21 - O Segredo do Polichinel.

Erenha - As 21,15 - O Pão de Ló.

Maria Vitoria - As 20,20 e 22,30 - Foot-Balla.

Epto - As 21,15 - O Martir do Calvário.

Coliseu dos Recreios - As 21 - Raymond.

Teatro São - As 9,15 - Variades.

Cinema O Vidente (A Grava) - Espectáculos às 3,45

sábados e domingos com matinées.

Espanha Parque - Todas as noites. Concertos e di-

versões.

CINEMAS

Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chiado Ter-

rás - Ideal - Arco Bandeira - Promotora - Esperança

- Tortoise - Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

UNIÃO

LIMAS REGISTADAS

LIMAS NACIONAIS

LIMAS N

A BATALHA

A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

A crise em Moçambique é tremenda—Uma carta que revela bem o estado de espírito da população daquela província—Será desta vez que o "Nero" regressa?

A voz de *A Batalha* tem-se erguido altamente a flagelar os erros, as violências e os crimes de Azevedo Coutinho que, por desgraça de 4 ou 5 milhões de homens, tem estado como alto comissário da república em Moçambique.

Não temos apontado apenas os crimes praticados pelo "Nero de Moçambique", a propósito do conflito ferroviário. Esses bastariam, se fosse possível um governo sensato e honesto, para liquidar um homem público, por maior que tivesse sido a sua categoria; mas, como nas sociedades burguesas há mania de antepor o prestígio das figuras decorativas da política aos interesses legítimos do Povo,—quis *A Batalha* demonstrar, e já o demonstrou suficientemente,—que Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, além de ser um despotismo truculento e disforme, se revelou, pelos seus encanamentos, pela sua perniciosa ação administrativa, pela sua falta de escrúpulos, pela sua vida cancerosa, dum incompetência sem precedentes, envergonhando-nos aos olhos de nacionais e estrangeiros, e fazendo exclamar principalmente estes últimos:

—E quere Portugal continuar a administrar colónias, por tais processos e com tais homens! Como se hoje fosse possível fechar os olhos, consentindo-se que territórios imensos e milhões de nativos, simbolicamente para satisfação de vaidades e de clientelas, continuassem improdutivos, pobres, escravizados!

Não é possível.

Pode ajoutamente dizer-se que em Moçambique lava uma intensa rebelião contra a política do Terreiro do Paço. Esta colónia possui riquezas inatas e fontes de receita consideráveis que lhe garantem um largo futuro sem ajudas da Metrópole, e está farta de ser explorada e vilipendiada por políticos facciosos como Azevedo Coutinho.

Já antes de estalar o conflito ferroviário de Lourenço Marques, Azevedo Coutinho estava incomunicável com a província que inspira todas as violências, que se apresenta como dono da situação,—não se sabe quem de facto manda, se ele ou Azevedo Coutinho.

Esta carta, vindia de quem não comunga em nossas ideias, revela bem o estado de espírito dumha população que está farta de suportar um tirano.

Mas o "Nero de Moçambique" como o Nero romano, parece disposto a voltar costas à sua Roma africana, tangendo a lira da sua incompetência, num cantico lamentoso pelas louras libras que lhe alimentavam uma vida caprulosa e orgiaca, quando atraí de si só ficaram ruínas fumegantes e imprecções odentas.

Anuncia-se para breve o seu regresso.

Diz-se, por um lado, que ele virá em obediência a telegramas que o governo de António Marques lhe expediu; afirma-se por outro que ele vem muito voluntariamente tratar os interesses da sua Moçambique.

Virá, não virá? Nós já conhecemos os malabarismos de António Marques e a cravaria dos seus áulicos. No Parlamento debate-se

presentemente o empréstimo dos 18 mil contos e, muito embora se agite muito o perigo colonial, para salvaguarda da honra do convento democrático, bem natural é que se prefiga a distinção do reinado de Nero. Mas dando de barato que Azevedo Coutinho seja, apesar do seu pedestal de sangu e lama, preguntamos, interpretando o sentir das muitas centenas de vítimas desse microcéfalo, dessa figura humana com instintos de fera:

—E quem responde pelos seus crimes administrativos, pelas suas violências e pelas suas tiranias?

cher-se, agarrando-se, com toda a gana ao prato que o alimenta.

Maldita hora em que tanto se trabalhou pelo triunfo da candidatura de Vieira da Rocha! Hoje esse homem, por estar sustentando Azevedo Coutinho, não teria um voto em Moçambique e é tão mal visto como o próprio alto comissário.

Azevedo Coutinho, para mostrar ao Ministério das Colónias que a cidade está em estado de rebelião violenta, toma medidas drásticas! Felizmente, para honra desse povo magnanimo, a ordem, na rua, foi sempre completa.

Só o governo a altera de vez em quando, com o espetáculo ridículo e brutal dos seus destemperos, das suas violências, das prisões sem causa.

As transferências estão hoje a 83%, sóbre Lisboa, e não se obtém no volume que se deseja. A crise é assustadora. O comércio debate-se num círculo de ferro. Mas o governo... dorme.

Tudo vai de mal a pior. Se a Metrópole continua a lançar à margem as nossas reclamações, tristes e bem tristes dias nos estão reservados.

Veja os gravíssimos inconvenientes atuais e os maiores que de certo surgirão, se, pela indolência do Governo Central, pelo silêncio do Parlamento e pela indiferença da imprensa,—Azevedo Coutinho aqui se sustenta, a tiranizar, a esbanjar, a rasgar leis, a cometer os mais palpáveis erros administrativos.

Na colónia não pode ficar nenhum dos actuais secretários provinciais, mas muito principalmente o Severino, alma tenebrosa que inspira todas as violências, que se apresenta como dono da situação,—não se sabe quem de facto manda, se ele ou Azevedo Coutinho.

Esta carta, vindia de quem não comunga em nossas ideias, revela bem o estado de espírito dumha população que está farta de suportar um tirano.

Mas o "Nero de Moçambique" como o Nero romano, parece disposto a voltar costas à sua Roma africana, tangendo a lira da sua incompetência, num cantico lamentoso pelas louras libras que lhe alimentavam uma vida caprulosa e orgiaca, quando atraí de si só ficaram ruínas fumegantes e imprecções odentas.

Anuncia-se para breve o seu regresso. Diz-se, por um lado, que ele virá em obediência a telegramas que o governo de António Marques lhe expediu; afirma-se por outro que ele vem muito voluntariamente tratar os interesses da sua Moçambique.

Virá, não virá? Nós já conhecemos os malabarismos de António Marques e a cravaria dos seus áulicos. No Parlamento debate-se

presentemente o empréstimo dos 18 mil contos e, muito embora se agite muito o perigo colonial, para salvaguarda da honra do convento democrático, bem natural é que se prefiga a distinção do reinado de Nero. Mas dando de barato que Azevedo Coutinho seja, apesar do seu pedestal de sangu e lama, preguntamos, interpretando o sentir das muitas centenas de vítimas desse microcéfalo, dessa figura humana com instintos de fera:

—E quem responde pelos seus crimes administrativos, pelas suas violências e pelas suas tiranias?

No Sindicato da Construção Civil de Évora realiza-se uma grande sessão de protesto contra as atrocidades de Azevedo Coutinho

Na sede do Sindicato Único da Construção Civil de Évora, realizou-se no dia 2 de Abril uma imponente sessão de protesto contra as atrocidades do Alto Comissário de Moçambique, Azevedo Coutinho.

A sessão foi presidida por João Soares e secretariada por António Fezes e Joaquim Alves Barrão.

Fizeram uso da palavra: Joaquim Alves Barrão, Joaquim Candieira, Alvaro Dinis, António Tomás, Madeira e José Soares.

Todos os oradores em termos energicos verberaram o bárbaro procedimento de Azevedo Coutinho e tiveram para os ferroviários palavras de profundo reconhecimento à sua heróica resistência. No final foi aprovada a seguinte moção:

—Considerando: que os ferroviários de Lourenço Marques há cinco meses se encontram em greve sem que as suas reclamações sejam atendidas; que as autoridades de Lourenço Marques têm praticado um sem número de atropelos; que desses atropelos tem sido principal autor o Alto Comissário de Moçambique e vítimas os valorosos ferroviários;

A assembleia do Sindicato Único da Construção Civil de Évora resolve:

1.º Protestar contra tódas as barbaridades de que têm sido vítimas os ferroviários de Lourenço Marques por parte do Alto Comissário de Moçambique;

2.º Fazer sentir ao ministro das Colónias que devem terminar as violências de Azevedo Coutinho, especialmente esse moderno processo de tortura que se chama vagão-fantasma;

3.º Reclamar a imediata demissão do Alto Comissário de Moçambique como único causador de tódas as violências e a readmissão dos ferroviários demitidos em virtude da greve.

4.º Prestar tóda a solidariedade moral aos grevistas de Lourenço Marques.

Os protestos dos manipuladores de pão de Santarém

O Sindicato dos Operários de Pão de Santarém, Arredores, em reunião de assembleia geral, ocupou-se da greve dos ferroviários de Lourenço Marques resolvendo enviar ao ministro das Colónias o seguinte telegrama de protesto:

—Sindicato dos Operários de Padaria de Santarém, reunião em 28 de Março, apresenta a marcha da greve dos ferroviários de Lourenço Marques, reclama do governo central a imediata solução da referida greve como é de elementar justiça.

A crise de trabalho no Japão

São em número de 21 as cidades industriais mais importantes no Japão, havendo também três grandes centros mineiros.

A população destes locais ascende a 11.585.669, de entre a qual estão recenseados 2.355.090 trabalhadores.

Nos últimos dias do ano que findou, existiam 105.595 operários sem trabalho, assim distribuídos: Toquio, 39.000; Osaka, 18.000; Yokohama, 9.000; Kobe, 8.100; Nagoya, 4.900; Kigoto, 3.000; outras cidades, 23.595.

Estes números, em totalidade, eram assim referidos: Não manuais, 20.178; manuais, 44.065; outras categorias, 41.352.

A crise de trabalho no Japão não atingiu qualquer aspecto grave, tendo decrescido em relativa continuidade durante os últimos meses.

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

CASA PALISSY GALVANY

Rua Serpa Pinto, 15

O que foram as resoluções da quarta convenção regional dos I. W. W. do Chile

Na cidade de Concepcion, em Janeiro último, reuniu-se a quarta convenção regional chilena dos I. W. W. Depois dos trabalhos de abertura—revisão de poderes, nomeação da mesa directiva e um discurso inaugural do secretário geral do Conselho de Relações—iniciou-se a discussão das teses apresentadas.

Acérca das *leis sociais*, a convenção reconheceu a sua ineficácia e imoralidade, tomando as seguintes resoluções:

Reivindicar a abolição do código de trabalho e da caderneta profissional obrigatória, por se entender que só a união e solidariedade dos trabalhadores podem assegurar as suas conquistas: extinção das instituições sociais do Estado, inúteis e parafusárias, que servem apenas para agravar os impostos e, consequentemente, o custo da vida, além de atentarem contra a liberdade e dignidade dos trabalhadores e entorpecerem o desenvolvimento das indústrias.

Debatê-se a ação dos que claudicam e tergiversam, traindo os princípios e a organização, tomando-se a este respeito resoluções que são uma defesa contra os elementos políticos, religiosos e militares que procuram arrastar o povo a movimentos forca das aspirações de emancipação.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

Na sequência da discussão das *leis sociais*, a convenção reuniu-se a quarta convenção regional chilena dos I. W. W. Depois dos trabalhos de abertura—revisão de poderes, nomeação da mesa directiva e um discurso inaugural do secretário geral do Conselho de Relações—iniciou-se a discussão das teses apresentadas.

Acérca das *leis sociais*, a convenção reconheceu a sua ineficácia e imoralidade, tomando as seguintes resoluções:

Reivindicar a abolição do código de trabalho e da caderneta profissional obrigatória, por se entender que só a união e solidariedade dos trabalhadores podem assegurar as suas conquistas: extinção das instituições sociais do Estado, inúteis e parafusárias, que servem apenas para agravar os impostos e, consequentemente, o custo da vida, além de atentarem contra a liberdade e dignidade dos trabalhadores e entorpecerem o desenvolvimento das indústrias.

Debatê-se a ação dos que claudicam e tergiversam, traindo os princípios e a organização, tomando-se a este respeito resoluções que são uma defesa contra os elementos políticos, religiosos e militares que procuram arrastar o povo a movimentos forca das aspirações de emancipação.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas doutrinas comunistas-anarquistas.

No debate sobre o comunismo anárquico, considerou-se que o sindicalismo é a escola prática de todas as doutrinas de emancipação e reconheceu-se que o ideal anárquico é de natureza refractária a todos os sofisismos reformistas e autoritários, impulsivando sempre a sua ação no sentido de ampla liberdade dos indivíduos. Assim, a convenção confirmou o acordo já existente, o qual determina que os I. W. W. aceitam e inspiram-se nas dou